

Resenha da obra “*Maquiavel Pedagogo ou o ministério da reforma psicológica*”, de Pascal Bernardin.

Ana Caroline Campagnolo Bellei *

BERNARDIN, Pascal. *Maquiavel Pedagogo: ou o ministério da reforma psicológica*. Tradução de Alexandre Muller Ribeiro. 1 ed. Ecclesia e Vide Editorial. Campinas, SP: 2012, 159 p.

Publicado originalmente na França em 1995, *Maquiavel Pedagogo ou o ministério da reforma psicológica* foi finalmente publicado no Brasil graças a um esforço conjunto das editoras Ecclesiae e Vide Editorial. Em suas cento e sessenta páginas, a obra impressiona tanto pela riqueza de pesquisa bibliográfica e documental, quanto pela urgência do tema. Pascal Bernardin também é autor de *O Império Ecológico ou a Subversão da Ecologia pelo Globalismo*, publicada em 1998, e de *A Crucificação de São Pedro*, em 2012.

“Uma revolução pedagógica baseada nos resultados da pesquisa psicopedagógica está em curso no mundo inteiro” (p.9) Com essa frase, certamente não por acaso, Bernardin inicia seu *Maquiavel Pedagogo*. A frase demonstra perfeitamente a urgência do tema que está sendo tratado. Como um todo, o livro possui o mesmíssimo traço: uma denúncia, que como tal, prescinde de retórica e floreios.

Ademais, a frase inicial pode oferecer também um guia para a compreensão do conteúdo da obra se subdividida em três momentos distintos: primeiramente a compreensão do significado e das características dessa revolução pedagógica, posteriormente a compreensão do elemento psicológico presente nesta revolução enquanto método de atuação, e por fim o caráter universal dessa empreitada. Obviamente uma tal abordagem constitui-se um mero recurso didático de exposição, e não guarda qualquer vínculo com a estrutura da obra mesma.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História do Tempo Presente da Universidade do Estado de Santa Catarina.

Passando a compreensão segundo a estrutura proposta, uma autêntica revolução, sabe-se, não se estabelece ao acaso, senão sob a batuta de um líder, seja ele uma ou várias pessoas em particular, agremiadas ou não em partidos, associações ou quaisquer entidades constituídas. Portanto, a revolução pedagógica possui seus mentores, os quais o autor cita nominalmente: Unesco, Conselho da Europa, Comissão de Bruxelas e OCDE.

Em épocas em que manifestações sociais viraram moda, é bom lembrar que uma revolução possui objetivos bem definidos, e que seus esforços de atuação presente são regradados por aquele estado de cousas futuro meramente possível que pretende alcançar. São, portanto, de naturezas bem distintas as manifestações extemporâneas e as revoluções.

Plenamente consciente do caráter de uma revolução, Bernardin, a partir da análise de documentos publicados pelos próprios organismos internacionais citados, expõe com clareza o objetivo que norteia suas ações presentes, a saber, o de implantar uma nova sociedade a partir da modificação dos valores, comportamentos e atitudes dos indivíduos que compõe a sociedade presente, e isso por meio da ação organizada nos meios de ensino, desde os anos escolares iniciais até a educação superior.

Contudo, uma vez definidos os mentores e o objetivo da revolução pedagógica em curso, cabe ainda a Bernardin descrever os métodos por ela utilizados segundo. Não fosse o caso de todas as afirmações do autor estarem fortemente embasadas por referências bibliográficas realizadas nos documentos daqueles mesmos organismos internacionais, seria fácil imaginar tratar-se de uma obra ficcional, a semelhança do *1984* de Orwell, ou dum *Brave New World* de Huxley. Nesse sentido, é preciso reconhecer os méritos de Bernardin, ao por diversas vezes apresentar pela boca dos próprios mentores dessa revolução, por meio de citações de documentos fidedignos e facilmente acessíveis pelo público em geral, o que doutro modo poderia parecer um delírio ou uma teoria da conspiração.

Passando ao segundo momento da estrutura de exposição aqui proposta, passa-se a análise dos métodos de atuação utilizados nessa revolução. Uma vez que o objetivo da revolução pedagógica é modificar as atitudes e o pensamento dos indivíduos, o elemento psicológico adquire um papel fundamental nesse processo revolucionário.

Dentre as técnicas de manipulação psicológica utilizadas, apontadas pelo autor, destaca-se a *submissão à autoridade* de Stanley Milgram, a tendência do ser humano ao *conformismo* estudada por Asch, a teoria da *dissonância cognitiva* de Festinger, normas de grupo e técnicas de aliciamento psicológico de Freedman e Fraser, entre outras. Como tais estudos não foram originalmente pensados para utilização no ensino, coube aos órgãos

internacionais apontados, responsáveis por conduzir essa revolução pedagógica, adaptá-los e aplicá-los à educação.

Com base nos documentos oficiais analisados, o autor espantosamente demonstra que a crise na educação, o baixo desenvolvimento cognitivo e intelectual dos alunos, e até mesmo a violência e o consumo de drogas, não são tratados pelos órgãos internacionais voltados a educação, anteriormente citados, como o problema a ser resolvido, mas são tão somente um estágio necessário à modificação do pensamento e das atitudes dos estudantes e a partir deles os da sociedade em geral. O objetivo, portanto, já de há muito não é a formação intelectual, mas a social e afetiva em detrimento daquela. Exemplo disso, é a redução do número de disciplinas cognitivas, e a introdução cada vez maior de disciplinas de caráter social e afetivo, as quais permitem a utilização das técnicas psicopedagógicas implementadas. Conforme o autor, os detalhes do processo pelo qual essas técnicas são postas em prática podem ser exemplarmente verificados na obra *A Modificação das Atitudes*, publicada pela UNESCO ainda em 1967.

Assim como as disciplinas cognitivas, a influência da família na formação do pensamento e das atitudes dos indivíduos também é tratada como um obstáculo à instauração da nova sociedade. Daí a necessidade de submeter inclusive os pais às técnicas de manipulação psicológica. É igualmente um obstáculo a resistência de alguns professores a utilização dessas técnicas, o que, conforme Bernardin, geralmente se tenta superar por meio da chamada formação continuada.

Finalmente, sobre o caráter universal da revolução em curso, é evidência máxima a internacionalidade das entidades de onde emanam as normas e diretrizes para a educação. Conforme o autor, trata-se, portanto, de um projeto mundial, como demonstram as citações extraídas da *Declaração mundial sobre a educação para todos*. Em particular, essa que é exposta a título de exemplo:

A sociedade futura deve poder contar com seu sistema educacional para os inculcar [os novos valores e atitudes], se quisermos encontrar soluções válidas para esses múltiplos problemas[...] O ponto mais importante é que deveria haver um currículo universal, internacional e padrão, estabelecido sob os auspícios das Nações Unidas. (p. 83)

Se o discurso dessas instituições pode parecer aceitável quanto aos fins anunciados, tais como os de promover uma sociedade mais justa, mais humana, mais igual, em que haja a promoção da inclusão social e de um mundo melhor, os meios utilizados autorizam o autor a classificar tais práticas de indignas, desumanas, antidemocráticas e totalitárias. Daí também a justificação do título da obra, *Maquiavel Pedagogo*, o qual não poderia ser mais adequado.

Por fim, Pascal Bernardin oferece não apenas um livro, mas um documento, um dossiê diante do qual é inevitável aceitar que se nos apresenta uma revolução psicopedagógica de caráter internacional. E que de uma maneira totalmente inescrupulosa, essa revolução tem encontrado principalmente na manipulação psicológica de mentes de crianças do mundo inteiro seu principal instrumento revolucionário.

